

RODRIGUES DE CARVALHO

José Rodrigues de Carvalho nasceu em Alagoinha, Paraíba, em 18 de dezembro de 1867 e faleceu em Recife no dia 20 de dezembro de 1936, aos 69 anos de idade. Foi contador do Banco do Ceará, professor da Fenix Caixeiral e da Escola Normal. Graduou-se pela Faculdade Livre de Direito do Ceará, em 1906, fazendo parte da primeira turma daquela instituição. De volta ao seu estado natal, dedicou-se à advocacia, ao jornalismo e à política, tendo sido membro da Câmara Estadual da Paraíba, secretário de governo e procurador do estado. Após a revolução de 1930, mudou-se para Recife onde continuou suas atividades na área cultural.

Advogado, crítico e poeta de grande talento, publicou em Fortaleza o melhor de sua obra literária. Mário Linhares, no livro *Poetas esquecidos*, comenta que ele era insubmisso ao jugo das escolas e seguia o conselho de Longfellow quando dizia: “olha para dentro de teu coração e escreve”. Um importante destaque que deve ser dado à sua obra é o pioneirismo no campo do folclore. Livros publicados: *Coração*, 1894; *Prismas (1893-1896)*, 1896; *Poema de maio*, 1901; *Cancioneiro do norte*, primeira edição em 1903; segunda edição aumentada em 1928; e terceira edição comemorativa do centenário de nascimento do autor em 1967. Escreveu os subsídios para o dicionário da língua nacional, sendo que parte do livro foi publicado na Revista da Academia Brasileira de Letras. Obras jurídicas: *Do recurso extraordinário*; *Da liberdade de imprensa*, 1918; *Da tentativa* (monografia); *Cheque visado*; e *Lacunas da lei de falências*, 1922.

Ingressou na Academia Cearense no dia 23 de maio de 1897 ocupando a vaga deixada por José Carlos da Costa Ribeiro Júnior, tendo sido recebido pelo acadêmico padre Valdivino Nogueira. Foi o primeiro e único acadêmico a ser eleito na primeira fase da academia. Ativo, apresentou nas sessões da instituição muitas de suas obras literárias e alguns trabalhos de Direito. Membro da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico da Paraíba e do Instituto de Arqueologia e Geografia do Recife, do qual foi presidente. Foi sócio do Centro Literário e presidente da instituição.

OS SEIOS

*Quando a seiva da carne perfumosa
Protubera-se em conchas ofegantes,
Os seios da mulher são como errantes
Aves do céu com bicos cor-de-rosa.*

*Pomos com fibras de cetim, inconnhos,
São quando a virgem, de cerúlea estância,
Rompe o casulo lirial da infância,
Para ser Clóris de um pomar de sonhos.*

*Mas, quando, oh nume da paixão, os mundos
Aos olhos frágeis dos mortais desvendas,
Cheios de amor, de sedução fecundos...*

*Eles, qual fruto tentador das lendas,
São dous abismos santamente fundos,
Dois assassinos no grilhão das rendas.*

A TARDE

Ao F. PALMA

*Quando os nimbos da tarde vão se abrindo
Em tumbas para o sol inanimado,
Vaga perdido um coração magoado,
Bagas de estrelas pelo azul carpindo.*

*Um hálito de dor, estranho, desce
Na gaze plúmbea que se esgarça a medo...
Como que vêm as névoas de um segredo
D'alguma monja eternamente em prece.*

*O mar se cala, e docemente escuta
O ser de trevas que nos céus escampos
Passa dolente, e natureza enluta...*

*Um cantochão soturno pelos campos
Murmura o vento. E da sombria gruta
Sai o cortejo final dos pirilampos.*

INCÊNDIO DE ROMA

- Ao SOARES BULCÃO -

*Nero, o maldito, o reprobado infamante,
Ébrio de gozo e de volúpia, um dia
Roma, abrasou, tal como n'uma orgia,
Rasga D. Juan as sedas de uma amante.*

*Ruíram catedrais! A cada instante
A suprema agonia da agonia!
E o Tíbre como um lago refletia
A tela incendiada do levante.*

*Nero, em delírio de um prazer nefando,
Diz que a chama sangüínea que espirala,
Vai os ares de jóias constelando.*

*Vê, diz agora (o sândalo trescala),
Ébrio da luz, a cítara vibrando,
A chama azul de um fogo de Bengala.*

FONTE: CARVALHO, RODRIGUES DE. *PRISMAS*: 1893-1896. FORTALEZA: TIP. UNIVERSAL, 1896. P. 3. 11, 73.